



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



## O TEMPO HISTÓRICO: POSSIBILIDADES HISTORIOGRÁFICAS

Henrique S Vitichmichen<sup>1</sup>

**Resumo:** Dentro de uma perspectiva historiográfica, pode-se falar que a ideia de “tempo” muitas vezes não é problematizada, é compreensível que devido ao tempo ser o material base para toda pesquisa histórica, muitas vezes tende-se a passar por ele sem notarmos a sua presença, para nós muitas vezes o que está em jogo é um acontecimento ou fato histórico que ocorre em uma determinada época e em um determinado lugar, porém ao passo que problematizamos essas questões, naturalizamos outras, tratando-o como algo singular e imutável, a partir dessa perspectiva negligencia-se suas nuances e pluralidades. Com esse trabalho, busca-se, a partir de discussões que visam quebrar com essa naturalização temporal, pensar os escritos de autores como Reinhart Koselleck e François Hartog em uma perspectiva outra acerca do tempo, de nossa percepção e possibilidades de pesquisa acerca dele, e principalmente, compreendermos um pouco melhor nosso papel como historiadores e atores sociais.

**Palavras-chave:** Tempo histórico, historiografia, estratos temporais, temporalidades.

### INTRODUÇÃO

A temporalidade foi desde o erigir do ofício, ainda na França do século XIX, e ainda é para o historiador um dos cerne de seu ofício. Por esse motivo, a reflexão sobre o tempo e seus desdobramentos é muitas vezes deixada de lado, e por conseguinte tendemos a naturalizá-lo dentro de uma perspectiva historiográfica, afinal o próprio tempo passa a ser uma conceitualização histórica, e seus medidores atuam também como uma convenção humana, sendo passível de questionamentos e análises:

Muitas vezes um mesmo termo designa o conceito e a categoria histórica; então, torna-se mais importante estabelecer a diferença nas maneiras de usá-lo. A história dos conceitos mede e estuda essa diferença ou convergência entre os conceitos antigos e as atuais categorias do conhecimento. Nesse sentido, a história dos conceitos, por mais específicos que possa ser seus

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Atualmente mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. E-mail: [henrique-sv@hotmail.com](mailto:henrique-sv@hotmail.com).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



próprios métodos, e apesar de sua riqueza empírica, é uma espécie de propedêutica para uma teoria científica da história – ela leva a teoria da história (KOSELLECK, 2006, p. 306).

De acordo com Koselleck, a temporalidade se apresenta como algo estratificado e sendo assim, podemos analisá-la de forma tanto teórica quanto empírica, e dessa forma para esses processos de trabalho utilizamos de ferramentas que nos possibilitem a exequibilidade da pesquisa em questão e a reflexão acerca desses processos temporais e espaciais, pois “A história sempre tem a ver com o tempo, com tempos que permanecem vinculados a uma condição espacial, não só metafórica, mas também empiricamente” (KOSELLECK, 2014, p. 9), compreende-se então que tais questões espaciais e temporais se encontram frequentemente entrelaçadas. Essas estratificações são justamente o que Koselleck denomina de *estratos do tempo*. A partir disso podemos pensar não apenas as múltiplas temporalidades sugeridas, mas também as relações entre elas, explorando assim suas sincronias e diacronias, suas aproximações e afastamentos, e suas coexistências em um mesmo plano, levando em conta as diferenças conjunturais entre elas.

Como já dito no início de nossa discussão, deve-se levar em conta as diferenciações entre o tempo histórico e o tempo natural, ou melhor, o tempo naturalizado também por historiadores e pesquisadores, naturalização essa que nos parece arriscada, levando aqui em conta as questões da chamada “história problema” e da historiografia como um todo. Essas abordagens para com a temporalidade histórica, ou melhor, nesse caso a sua estratificação temporal, são os estudos comandados por Fernand Braudel (1965) acerca das suas durações, ou seja, a longa, média e curta duração. A partir desses conceitos, amplia-se o leque levando em conta os “estratos do tempo” colocados em pauta por Koselleck, procurando quebrar com a concepção linear da história, analisando as sobreposições e cruzamentos temporais que podem coexistir no mesmo espaço, assim: “A abordagem metodológica de Fernand Braudel será desconectada do circuito paralelo das durações longas, curtas e situacionais para ser reconduzida a um padrão antropológico comum, básico, que comporta distintos estratos de tempo” (KOSELLECK, 2014, p. 13).

As questões acerca das concepções temporais estratificadas também leva em conta as mudanças e temporalidades humanas, de modo que essas estruturas e alterações, sejam elas rápidas ou lentas, proporcionam diferenças na própria estrutura social de um determinado



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



local e contexto, assim o trabalho temporal proposto por Koselleck leva em conta também questões antropológicas em suas análises, observando as rupturas e permanências de costumes e questões culturais próprias, atentando assim para as manutenções sociais do meio:

Assim, todos os âmbitos de vida e ação humanas contêm diferentes estruturas de repetição, que, escalonadas, se modificam em diferentes ritmos. Seria incorreto supor que todos eles se modifiquem ao mesmo tempo ou em paralelo, ainda que aconteçam ao mesmo tempo, no sentido cronológico, e estejam entrelaçados (KOSELLECK, 2014, p. 13).

Dessa forma os escritos do autor afirmam que ainda mais do que apenas pensar a própria temporalidade, o historiador também abrange um escopo mais ampliado em suas análises, pluralizando e relacionando-as em suas possíveis sobreposições, levando em conta a multiplicidade social e temporal que pode coexistir em um mesmo momento. Olhando por esse ângulo é possível compreendermos também a questão dos conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” duas categorias históricas que se complementarizam e seriam as responsáveis pelo movimento histórico, ou pelo “tempo histórico”.

Levando em conta seus conceitos formulados sobre o “espaço da experiência” e o “horizonte da expectativa” é fundamental ter em mente como se dá o movimento histórico. Dentro dessa perspectiva é necessário atentarmos a questão que o processo histórico, ou melhor, seu movimento, se caracteriza pelos dois modelos: “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou sofrem. Com isso, porém, ainda nada dissemos sobre uma história concreta – passada, presente ou futura” (KOSELLECK, 2006, p. 306), entende-se portanto que ambos são conceitos intrínsecos e relacionados, não se pode pensar apenas a experiência isolada de uma expectativa futura e vice-versa, elas se complementam para nos encaminhar ao movimento e a historicização do próprio tempo, em suma, é a própria tensão entre as duas ideias que gera e promove movimento ao tempo histórico, logo compreende-se que:

[...] experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político (KOSELLECK, 2006, p. 308).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Como argumentamos no início do texto, o próprio movimento histórico era e ainda é tido pelos historiadores como algo natural e ocasionalmente linear, o objetivo de nosso ensaio, utilizando como aporte uma historiografia já fundamentada sobre o tema, é a necessidade do rompimento com essa naturalização, necessitamos problematizar o tempo e seu movimento, assim como o fez Koselleck com suas teorizações sobre a estratificação e pluralidade temporal, e as características que levam a um movimento temporal histórico, levando em conta também os estudos antropológicos e a sociologia da história.

## O TEMPO HISTÓRICO

Acerca do tempo histórico, Paul Ricoeur (1997) nos esclarece sua natureza a partir de seus estudos, para ele, o tempo histórico nada mais é do que uma espécie de conexão entre o tempo vivido e o tempo universal, entendemos aqui o conceito de tempo vivido como sendo a nossa própria “experiência” ou as nossas vivências sociais, por outro lado o tempo universal se mostra mais como uma concepção linear, meramente da passagem do tempo global. A partir dessas duas conceitualizações entendemos os recursos históricos, como calendários, tratados, e o trabalho a partir de documentos que possam nos auxiliar no trabalho histórico, como conectores entre o passado e o presente, ou melhor dizendo, conexões temporais que reverberam no futuro, dessa forma o tempo histórico seria uma espécie de “ponte” entre essas múltiplas temporalidades, permitindo assim inclusive uma outra maneira de pensá-las: “Esses conectores do tempo vivido e do tempo universal tem em comum, com efeito, *reverter para o universo* as estruturas narrativas descritas em nossa segunda parte. É sua maneira de contribuir para a refiguração do tempo histórico” (RICOEUR, 1997, p 180).

É interessante notarmos que durante os textos de Ricoeur, o autor disserta sobre a questão do “terceiro tempo” ou o tempo do calendário. Sendo uma convenção histórica, para ele o calendário atuaria também tanto no tempo vivido, como no tempo universal, logo, se constituiria como uma “criação” ,nos termos do autor, independente das outras duas perspectivas temporais, não desprezando a sua atuação em ambas porém, se constituindo como um “terceiro-tempo”, buscando dessa forma ordenar os múltiplos estratos temporais ao qual Koselleck se desdobra. Compreendendo a temporalidade e sua fragmentação ou estratificação como uma convenção, Ricoeur também adota a problematização temporal como



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



um dos cerne de sua discussão, para ele o *tempo mítico* seria então algo transcendente meramente ao narrativismo linear, ele levaria em conta as nuances e experiências humanas, algo que transcenderia o tempo material e pensaria por outros meandros:

Ora, é o tempo mítico que reencontramos na *origem* das exigências que presidem a constituição de qualquer calendário. Precisamos, pois, remontas até além da fragmentação já consumada quando nossa meditação começa -, para evocarmos com o mito um “grande tempo” que *envolve*, segundo o termo preservado por Aristóteles em sua *Física*, toda realidade (RICOEUR, 1997, p. 181).

A respeito do tempo mítico, um dos exemplos de como podemos melhor compreendê-lo é através, por exemplo, dos ritos sociais. As questões ritualísticas de determinadas sociedades, transcendem muitas vezes a temporalidade material, ou a própria longevidade dos sujeitos, logo as práticas perpassam o tempo da ação, alçando uma maior abrangência temporal, em suma como Ricoeur nos esclarece: “Se fosse preciso contrapor *mito* e *rito*, poder-se-ia dizer que o mito *amplia* o tempo ordinário (bem como o espaço), ao passo que o rito *aproxima* o tempo mítico da esfera profana da vida e da ação” (RICOEUR, 1997, p. 181).

Do tempo do mito e rito, apesar de ambos estarem em uma posição cosmológica, transcendente ao tempo ordinário, retemos de ambos apenas as suas conexões com o próprio tempo ordinário, ou convencional, se assim preferirem colocar, ao passo que suas conexões e significados ocultos também podem depender dessa característica “material”, com isso entendemos que a periodicidade e a demarcação temporal, compreendida aqui como uma convenção humana e marcada por fenômenos naturais, ainda são fundantes mesmo quando colocamos em questão o tempo mítico. Assim, o tempo do calendário é justamente o que conduz e reorganiza esses outros aspectos sociais e culturais, reorganização essa que nos permite trabalhar empiricamente e em múltiplos âmbitos de pesquisas, sejam elas sociológicas ou/e historiográficas, logo reforçamos então o tempo do calendário como sendo um *terceiro-tempo* entre o tempo vivido e o tempo cósmico, servindo para estratificar e “organizar” a própria temporalidade, ou a passagem do tempo:

O parentesco do tempo do calendário com o tempo físico não é difícil de perceber. O que o tempo do calendário toma emprestado ao tempo físico são as propriedades que Kant e Aristóteles lhe reconhecem: É, diz Benveniste,



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável a vontade” (RICOEUR, 1997, p. 183).

Para compreendermos o tempo do calendário, é necessário relacionarmos ele com outros fenômenos naturais. Era comum em tempos antigos, as sociedades e atividades se guiarem a partir de fenômenos naturais, toda sua temporalidade e a compreensão que esses povos tinham do tempo era voltado para os fenômenos e sua periodicidade, assim as atividades humanas e os aspectos culturais e ritualísticos naturalmente são abarcadas por isso, levando em conta o fato de que cada sociedade possui seu próprio calendário e concepção de tempo, adotando diferentes métodos para demarcá-lo.

As perspectivas temporais podem ser pensadas e analisadas a partir de algumas questões e pontos referenciais, uma dessas possibilidades é o que Ricoeur chama de “momento axial”, ou seja, um momento no tempo que serviria como “ponto de origem” em que os acontecimentos posteriores a este seriam então levadas em conta a partir de sua distância com o momento axial, exemplificando, podemos por exemplo colocar um acontecimento histórico como ponto axial, e então balizarmos nossas concepções temporais baseadas neste.

Outra forma de se compreender e estudar o tempo e sua passagem, é a partir das noções geracionais e de nosso entendimento acerca delas, a partir da nossa compreensão acerca do que é uma geração, o que a define, essas perguntas e suas possíveis teorizações podem nos levar a uma reflexão temporal, assim a partir da passagem geracional podemos analisá-lo, qual então seria a problemática envolta nessas questões? Ora, assim como as sociedades têm perspectivas temporais e marcos de calendário distintos levando em conta suas culturas, simbologias e valores de época, dessa mesma forma as questões geracionais também podem e estão sofrendo alterações, logo o tempo entre uma geração e outra, e como definimos seus intervalos, são questões que iremos debater a seguir.

As questões geracionais atualmente estão cada vez mais em pauta, a medida que o tempo passa e ganhamos maior acesso a novas tecnologias, as perspectivas de vida em sua maioria também aumentam, seja por uma maior qualidade de vida, pelas novas descobertas medicinais, ou por outros fatores, a nossa perspectiva geracional que tínhamos na década de 50 do século XX por exemplo, já não podem ser totalmente aplicadas as noções que temos





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



acerca do assunto atualmente. Ora, com essas crescentes inovações, podemos atualmente compreender que o tempo entre uma geração e outra está cada vez menor, as gerações atualmente não podem ser contadas apenas de uma perspectiva de tempo de vida, já que as taxas de natalidade e a perspectiva de vida atual se comporta como algo diferente do que compreendíamos algumas décadas atrás, isso faz com que as múltiplas gerações também se estratifiquem e se relacionem uma com a outra, se interligando e promovendo outras perspectivas temporais, assim como sua passagem, logo compreende-se que para Ricoeur a discussão a partir da temporalidade, ou melhor, de sua passagem, se resume a certas noções e condições fundamentais:

São essas as “condições necessárias” a que satisfazem todos os calendários conhecidos. Revelá-las cabe a uma reflexão transcendental, que não exclui a dedicação ao estudo histórico e sociológico das funções sociais exercidas pelo calendário. Além disso, para não substituir por uma espécie de positivismo transcendental o empirismo genético, tentamos interpretar essas coerências universais como criações que exercem uma função mediatriz entre duas perspectivas sobre o tempo: ele cosmologiza o tempo vivido, humaniza o tempo cósmico. É dessa maneira que contribui para reinscrever o tempo da narrativa no tempo do mundo (RICOEUR, 1997, p. 186).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até aqui observamos as teorizações de Koseleck e Ricoeur sobre as características e noções temporais, podemos notar que os estudos de ambos são focados em aspectos distintos, porém quando ordenamos essas ideias podemos ter uma noção mais ampliada de temporalidade histórica. Além dos autores aqui debatidos, parece-nos importante debatermos as discussões colocadas por outro para o ramo da pesquisa histórica, trata-se de François Hartog (2013) e suas contribuições acerca dos regimes de historicidade e estudos do tempo presente.

As proposições de Hartog para com essa discussão seguem a linha de Koselleck, ao passo que conseguimos traçar um paralelo entre as duas discussões, assim como o primeiro autor aqui debatido, este último dedica seus esforços para pensar as estratificações e as múltiplas ordens temporais, ordens que para o autor são fundantes na passagem do tempo e suas atividades:



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Ninguém duvida de que haja uma ordem do tempo, mais precisamente, ordens que variam de acordo com os lugares e as épocas. Ordens tão imperiosas, em todo caso, que nos submetemos a elas sem nem mesmo perceber; sem querer ou até não querendo, sem saber ou sabendo, tanto elas são naturais. Ordens com as quais entramos em choque, caso nos esforcemos para contradizê-las. As relações que uma sociedade estabelece com o tempo parecem ser, de fato, pouco discutíveis ou quase nada negociáveis (HARTOG, 2013, p. 17).

As ordens do tempo apontadas por Hartog estariam em seu entendimento sofrendo de uma “crise temporal” principalmente a partir do globalismo pós-guerra fria, partindo da queda do Muro de Berlim e com a crise do capitalismo e o processo de globalização, vemos uma crise nessas ordens narrativas, temporais, e na ordenação conceitual do tempo. Já que a partir da década de 60 podemos observar uma crise capitalista, e também a dos grandes modelos, a crise do porvir que se evidencia a partir de então, aprofunda o descrédito humano para com as teses progressistas e a crença no próprio progresso humano como motor temporal, assim, com todas essas rupturas e com outros cenários surgindo e se mesclando em uma mesma temporalidade, observa-se então uma quebra de paradigmas de nossa concepção e interação com o próprio tempo, se comparado ao que tínhamos *a priori*, quebra de paradigmas que se inicia com os grandes conflitos do século XX e que irão reverberar em um memorialismo para com o passado, ou seja, a memória histórica passa a ser cada vez mais estudada e consultada para tentarmos compreender esses conflitos e suas consequências para o mundo, assim questiona-se o próprio passado e as trajetórias que levaram a esses eventos:

Memória tomou-se, em todo caso, o termo mais abrangente: uma categoria meta-histórica, por vezes teológicas Pretendeu-se fazer memória de tudo e, no duelo entre a memória e a história, deu-se rapidamente vantagem à primeira, representada por este personagem, que se tomou central em nosso espaço público: a testemunha (HARTOG, 2013, p. 25).

Aí está em seu entendimento o trabalho do historiador, isso é, compreender as múltiplas ordens do tempo, as questões presentistas, e suas reverberações, não fazendo, como Hartog fala, “do passado uma tábula rasa” mas utilizando-o como alicerce para nos ajudar na compreensão do presente e do próprio tempo e suas mudanças e facetas. A questão do presentismo é tratada sob as perspectivas memorialistas do século passado como uma





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



consequência desses conflitos, cabe ao historiador curar as memórias e trabalhar com essas demandas da contemporaneidade, levando em conta o método científico e historiográfico.

É interessante notarmos as dinâmicas que Hartog propõe entre o historiador e o passado. Discutimos aqui seu papel em meio a essa miríade de possibilidades e múltiplas formas e compreensões acerca do tempo e seu estudo, principalmente através de uma perspectiva histórica; porém podemos conjecturar que para Hartog o historiador ocupa ainda um papel mais enfático, em momento algum o autor nos coloca regras e normativas a seguir, ao contrário, busca sempre pensar as múltiplas redes e conjunturas e refletir o historiador em meio a “crise temporal” e aos regimes de historicidade:

Formulada a partir de nossa contemporaneidade, a hipótese do regime de historicidade deveria permitir o desdobramento de um questionamento historiador sobre nossas relações com o tempo. Historiador, por lidar com vários tempos, instaurando um vaivém entre o presente e o passado, ou melhor, passados, eventualmente bem distanciados, tanto no tempo quanto no espaço (HARTOG, 2013, p. 37).

Finalmente, é necessário salientar que a discussão aqui proposta visa principalmente pensar o nosso papel em meio a questões atuais, apesar de cada um dos autores aqui abordados terem suas nuances de pesquisa, se envolvendo com diferentes questões, colocamos essas múltiplas abordagens em conjunto e conseguimos compreender toda uma linha de discussão e entendimento mais amplo acerca do tempo, da historiografia, e de nosso papel, assim é necessário estarmos sempre atentos as mais diversas discussões e visões, para não cairmos em uma naturalização histórica ou apenas um relato cronológico linear. Deve-se ter em mente as múltiplas facetas históricas, culturais e humanas, problematizar o próprio tempo e nosso lugar nele, e assim pensar a história a partir de uma perspectiva outra, uma que busque não um relato histórico baseado em noções lineares, mas que pense o meio social como algo móvel, dinâmico e vivo, responsável tanto pelas vivências humanas e trajetórias de vida, trajetórias essas fundamentais para o trabalho do historiador.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021** PRESENTE  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



## REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História – USP**, v. 30, n. 62, p. 261-294, abr/jun. 1965.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa - tomo III**. Campinas: Papyrus, 1997.